

Missão CELAM

213688 | 08 AGOSTO DE 2022



Adeus ao profeta da Amazônia

Dom Cláudio Hummes (8 de agosto de 1934 - 4 de julho de 2022)



PRESIDÊNCIA DO CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

Mons. Miguel Cabrejos Vidarte, OFM
Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente da Comissão de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán,
Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo.

Grafismo: Amparo Hernández,
Milton Ruiz, Carolina Henao y
Giovanny Pinzón e Inmaculada Brigidano.

Fotografia: Archivo Vida Nueva,
CELAM, REPAM e REPAM-Brasil.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados
pela Vida Nueva e pelo Centro
de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa

Mestre e amigo
Mons. Edson Damian
O Francisco da Amazônia
Card. Pedro Barreto
O arquiteto da REPAM
Hno. João Gutemberg



10 Queridíssima Amazônia

Os povos originários, sua última causa



12 Rostos e Vozes

Patricia Gualinga
Laura Vicuña Pereira Manso, ICF



15 Em memória

“Dom Cláudio viu nas dificuldades
oportunidades para novos caminhos”



Obrigado, Dom Cláudio

DOM MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DO CELAM

A partida de nosso irmão, cardeal Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, deixa um profundo vazio na Igreja da América Latina e Caribe. Seu legado, especialmente na Igreja amazônica, lhe permitiu transcender como um dos maiores e mais ilustres bispos de nosso tempo. Foi o principal promotor da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), plataforma que capitalizou o Sínodo da Amazônia de 2019 e, portanto, a criação da inédita

Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), instâncias que liderou com paixão desde o primeiro dia, quando encarnou entre os indígenas tornando-se mais um entre eles. Hoje muitos se lembram dele como o Francisco da Amazônia, fazendo aquela alegoria a São Francisco de Assis e, conseqüentemente, à de seu grande amigo Jorge Mario Bergoglio. Como não esquecer aquele 13 de março de 2013, quando da loggia de São Pedro acompanhou o recém-eleito

Editorial

NÃO ESQUECEREMOS
OS POBRES

América Latina e o Caribe se despedem do cardeal Cláudio Hummes, o profeta da Amazônia. A Igreja universal, especialmente aquela que peregrina na Amazônia, lamenta a morte do cardeal brasileiro que faleceu em 4 de julho, aos 87 anos.

Sua presença e persistência ajudaram a criar a Conferência Eclesial da Amazônia, sinal de uma Igreja encarnada e comprometida em comunhão com o território amazônico e em comunhão com a Igreja universal.

Dom Cláudio partiu tranquilamente, com a humildade franciscana que sempre caracterizou seu ministério. “É um homem de esperança e um semeador de esperança”, que fez “valiosas contribuições à sociedade e à defesa dos direitos humanos”, como recordou o Papa Francisco, há apenas um ano em uma carta pública quando recebeu o Doutorado Honoris Causa pela Universidade de Rosário (Argentina).

Hummes ficará para a história como o homem que sussurrou no ouvido de Francisco algumas palavras que guiaram esses nove anos de pontificado. O próprio Jorge Mario Bergoglio assim o contou em 16 de março de 2013, apenas três dias depois de eleito, em audiência com os 6.000 jornalistas que cobriram o conclave: “Durante as eleições tive ao meu lado o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero: um grande amigo. Quando as coisas ficaram um pouco difíceis, ele me confortou.” “Quando os votos subiram para dois terços, houve os aplausos de sempre, porque eu havia sido eleito. E ele me abraçou, me beijou e me disse: ‘Não se esqueça dos pobres’”, acrescentou. Por isso, a melhor homenagem que podemos prestar a Dom Cláudio é, justamente, não olhar para o outro lado diante da urgência da “opção preferencial pelos pobres”. Sua memória é a semente de um novo amanhã para os descartados. ●

Papa Francisco com seu emblemático sussurro: “Não se esqueça dos pobres”, com o qual adotou o nome e teceu a espinha dorsal de seu pontificado.

E é que o Santo Padre não hesitou em consultar Dom Cláudio em momentos-chave, principalmente quando a tempestade assolava, e nele encontrou aquele pastor simples e firme em suas convicções e suas opções de fé em favor dos mais pobres e esquecidos. O cardeal Hummes nos deixa um enorme legado de teologia inculturada no Evangelho, de seu contato com as feridas do Povo de Deus mais necessitado – como um bom franciscano – com quem caminhou, denunciando as injustiças do clamor da Terra e dos pobres, e anunciando a Boa Nova com a parrésia profética do bom pastor que cuida do seu rebanho. Foi um homem que abriu caminhos para a Igreja missionária e encarnada, como fizeram Dom Pedro Casaldáliga, Dom Hélder

Câmara e muitos outros irmãos no episcopado que abraçaram com a vida a opção pelos pobres.

Nosso irmão Dom Cláudio fez suas as convicções do Concílio Vaticano II, agarrando-se à necessidade de uma nova ministerialidade na Igreja, longe de propor uma formulação autorreferencial que pudesse causar tensão ou divisão, ele sempre partiu em missão com uma inalienável consciência da comunhão, a partir da ideia de unidade na diversidade e descentralização, a essência da sinodalidade atual que o Sumo Pontífice pediu. O ministério do cardeal Hummes é um exemplo palpável de caminhar juntos, porque a causa maior de santidade é o Evangelho e, como discípulo de Cristo, sua chama continuará a iluminar os corações por amor ao Reino e aos pobres. Esta edição de Missão Celam é uma homenagem de gratidão e reconhecimento de sua vida e obra. ●



Edson Damian
BISPO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM

Mestre e amigo

Estava em visita pastoral às comunidades indígenas distantes e sem comunicação. Ao retornar à sede da Diocese, no sétimo dia, recebi com lágrimas a notícia da páscoa de Dom Cláudio, mestre e amigo de longos anos. Conheci Frei Cláudio em 1968. Ele tinha regressado recentemente de Frank-

furt, doutor em filosofia. Foi excelente professor de filosofia no Seminário de Viamão, RS. Depois de motivadoras aulas teóricas, conduzia-nos à biblioteca para ler textos originais de Scheller, Kant e Karl Marx. Nos tempos de chumbo da ditadura militar. Pouco tempo depois, São Paulo VI designou-o para

ser bispo em Santo André. Durante as greves dos metalúrgicos autorizou que as portas das igrejas fossem abertas para abrigar os operários perseguidos pela violenta repressão policial. Convidado para participar de uma mesa de negociação de lideranças sindicais com os patrões das fábricas, sentou-se ao lado dos operários. Ao ser questionado pelos patrões que também se declaravam cristãos, respondeu: “Por fidelidade ao Evangelho devo colocar-me ao lado dos mais fracos que estão sendo perseguidos”. Foi durante estas greves que conheceu Inácio Lula da Silva e se tornou amigo dele.

Quando fui nomeado bispo, o Cardeal Dom Cláudio era prefeito da congregação do Clero. Foi dele que recebi um dos primeiros telefonemas encojando-me para assumir com generosidade a desafiadora missão na Amazônia. Pouco tempo depois, ao completar 75 anos, retornou ao Brasil e nós o elegemos para ser presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia. Ao felicitá-lo confessou que estava surpreso e afirmou: “Este cargo me caiu no colo”. Logo convidei-o para visitar São Gabriel da Cachoeira. Inclusive para abençoar uma sede da Fazenda da Esperança que seria inaugurada brevemente. Assim ele iniciou as visitas a partir da Igreja mais distante, mais pobre e mais indígena da Amazônia.

Dom Cláudio fez uma segunda visita à Igreja do Rio Negro, logo após completar 80 anos. Disse-me que o Papa Francisco solicitara que acompanhasse um encontro de formação com catequistas indígenas. Viajou durante um dia inteiro de “voadeira” pelo Rio Negro e Uaupés para chegar à sede da paróquia de Iauareté, na fronteira com a Colômbia. Apesar do sol causticante e desconforto da embarcação, não manifestou cansaço. Pelo contrário, a cada instante expressava sua admiração pela beleza das paisagens e das aldeias ao longo dos rios. Até manifestou o desejo de um dia pode morar numa das numerosas ilhas.

Em Iauareté, setenta catequistas provenientes das comunidades, durante uma semana, aprofundaram vários temas da catequese inculturada. A certa altura, Dom Cláudio perguntou-me se não haveria a possibilidade de celebrar uma missa em Tucano, língua predominante na região. Estava conosco o Pe Reginaldo Cordeiro, SDB, que se encarregou de preparar e presidir a missa. Quando estávamos prontos para iniciar, Dom Cláudio solicitou que rezássemos em português pelo menos a consagração. Após a celebração, expressou sua alegria ao perceber o entusiasmo de todos ao cantar e rezar na sua própria língua. E incentivou-nos para traduzir a missa nos idiomas mais falados. Graças a Deus, já temos vários padres indígenas

“POR FIDELIDADE AO EVANGELHO, DEVO FICAR DO LADO DOS MAIS FRACOS”, DISSE ELE ENQUANTO PARTICIPAVA DE UMA MESA DE NEGOCIAÇÃO EM UMA FÁBRICA

DOM CLÁUDIO NOS INCENTIVOU A TRADUZIR A MISSA PARA OS IDIOMAS MAIS FALADOS E HOJE TEMOS VÁRIOS PADRES NATIVOS

que estão realizando esta tarefa. A finalizar a semana, Dom Cláudio agradeceu emocionado a oportunidade de estar junto com os catequistas e perceber o conhecimento que têm da Bíblia e a generosidade com que se dedicam à missão evangelizadora.

A partir de sua experiência à frente Comissão Episcopal para Amazônia, Dom Cláudio foi escolhido para presidir também a REPAM, iniciativa do Papa Francisco, que teve missão fundamental na realização do Sínodo para a Amazônia. Como relator deste evento, sua contribuição foi relevante em todas as suas etapas.

Durante o Sínodo, por iniciativa e colaboração do Pe José Oscar Beozzo, um grupo de bispos e outros irmãos e irmãs sinodais, fomos elaborando o “Pacto das Catacumbas pela Casa Comum - por uma Igreja com rosto amazônico, pobre e servidora, profética e samaritana”. Quando mostrei o texto e convidei Dom Cláudio para presidir a celebração e assinatura nas Catacumbas de Santa Domitila, disse-me que não poderia fazê-lo porque não teria condições de praticar todos os compromissos do Pacto. Motivei-o dizendo-lhe que cada um os cumpriria de acordo com a sua idade e suas possibilidades. Acabou aceitando. Foi uma celebração inesquecível, no dia 20 de outubro de 2019. Celebramos conosco o Cardeal Pedro Barreto, vice-presidente da REPAM, aproximadamente sessenta bispos, muitos presbíteros, religiosos/as e cristãos leigos e leigas.

Quando retornei da canonização de São Charles de Foucauld, no dia 19 de maio, juntamente com o Pe José Bizon, visitamos o Dom Cláudio. Muito debilitado, respirando com o tubo de oxigênio, com as palavras entrecortadas pela tosse, expressou seu sofrimento diante da situação calamitosa que vive nosso país. No final, disse-nos que estava aguardando que o Senhor o chamasse.

Dom Cláudio, servo bom e fiel, amigo e companheiro de tantas jornadas, feliz entraste na alegria do teu Senhor. ●



Pedro Barreto Jimeno, SJ
ARCEBISPO DE HUANCAYO (PERU)
E PRESIDENTE DA CEAMA

O Francisco da Amazônia

O falecimento do nosso querido irmão Dom Cláudio Hummes, OFM, me causou um grande vazio interior. Acostumei-me a compartilhar, muito de perto, seus sonhos para a Amazônia e, a partir dela, para toda a humanidade. No entanto, da nossa fé em Jesus, morto e ressuscitado, acreditamos firmemente que Dom Cláudio participa da alegria eterna na presença de Deus, a quem amou durante sua vida terrena e serviu generosamente à Igreja como pessoa, franciscano, bispo e cardeal.

Os últimos 12 anos de sua vida, como arcebispo emérito de São Paulo, foram intensamente vividos presidindo a Comissão Episcopal Amazônica do Brasil desde 2009, visitando os diversos vicariatos apostólicos; foi eleito presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam) em 2014 e da inédita Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama) em 2020. Uma trajetória pastoral que engrandece a figura de Dom Cláudio para colocar em prática as diretrizes do Documento de Aparecida (2007). Foi um homem de esperança que soube olhar para longe da realidade dolorosa e devastada da Amazônia e de seus povos.

Como não lembrar de suas palavras proféticas que ressoaram no coração e na mente do então cardeal Jorge Mario Bergoglio em 13 de março de 2013, quando foi eleito bispo de Roma: “Não se esqueça dos pobres”. Deste acontecimento eclesial, colaborou enormemente na imposição do nome de Francisco, o homem pobre e simples. Dom Cláudio logo compreendeu que era uma fonte de inspiração para o 266º sucessor do Apóstolo Pedro que assumiu o compromisso de construir uma Igreja “pobre e para os pobres”. Poucas semanas depois da eleição do Papa Francisco, Dom Cláudio disse dele: “É um São Francisco de Assis atualizado.”

Tive a enorme graça de Deus de compartilhar de perto seus últimos oito anos e meio de vida. Eu o conheci pessoalmente em Brasília, em setembro de 2014, na fundação da Repam. A eleição do presidente deste novo espaço de coordenação pastoral na Amazônia foi unânime por sua proximidade com o bispo de Roma e seu compromisso evangélico em favor do cuidado da vida e do meio ambiente. Mostrou-se como um pastor simples e firme para expressar suas convicções de fé e suas opções claras em favor dos mais pobres e esquecidos. Seu amor por toda a criação de Deus e sua opção preferencial pela Amazônia e seus povos originários foram sua paixão.

Com Dom Cláudio compartilhamos nossa gratidão ao Conselho Episcopal da América Latina e do Caribe (Celam) porque, poucos meses após a criação da Repam, a Assembleia dos Bispos (maio de 2015), unanimemente o acolheu e com este apoio facilitou seu crescimento sustentado.

O momento mais significativo da vida de Dom Cláudio foi a convocação pelo Papa Francisco do Sínodo Especial da Amazônia (2017). No ano seguinte, durante a visita pastoral ao Peru, em Puerto Maldonado (janeiro de 2018), o bispo de Roma teve um encontro emocionado com os representantes das populações originárias da Amazônia e declarou o início formal da preparação para o Sínodo da Amazônia. A Repam aceitou esse desafio de iniciar um processo de escuta em todo o bioma Amazônia. Foram realizadas mais de 45 assembleias territoriais, fóruns temáticos com a participação de mais de 50.000 pessoas, a maioria indígenas, que enriqueceram o Documento Preparatório do Sínodo sobre a Amazônia. Este evento eclesial aconteceu na cidade de Roma, de 4 a 27 de outubro de 2019, sob a presidência do Papa Francisco.

Dom Cláudio foi o relator do Sínodo. Esta nomeação foi um claro sinal de total confiança no presidente da Repam.

Enfraquecido pela doença, Dom Cláudio teve a coragem de apresentar sua renúncia à presidência da Ceama em assembleia extraordinária realizada em São Paulo (Brasil) no final de março passado. Foi um momento especial para todos nós. Em suas palavras de despedida, pudemos ouvir de Dom Cláudio seus sonhos e esperanças de renovação da Igreja a partir dos sonhos da Querida Amazônia e dos mandatos do Documento Final do Sínodo, aprovado pelo Papa Francisco. Um grande desafio que deixa a todos nós que estamos comprometidos com o Repam (2014) e Ceama (2020): colocar em prática os sonhos de Francisco de Roma e Francisco da Amazônia, que é para nós Dom Cláudio Hummes.

Lembro-me de suas palavras proféticas: “A crucificação da Amazônia desencadeia o sofrimento de muitos filhos e filhas de Deus. Os povos indígenas correm o risco de perder o direito à posse de seus territórios, já tão invadidos e destruídos. Os ribeirinhos ficam com os rios secos e as águas contaminadas

OBRIGADO, DOM CLÁUDIO, SEU TESTEMUNHO NOS APROXIMA DE JESUS, DA IGREJA COM O PAPA FRANCISCO E DE NOSSOS IRMÃOS DA ‘QUERIDA AMAZÔNIA’

por agrotóxicos e resíduos de mineração.” Mas Dom Cláudio não estava sozinho na denúncia. Anunciou a esperança com profunda convicção de fé, porque “no meio da noite mais escura, com a morte de Jesus, a luz da ressurreição prevaleceu para sempre”.

Dom Cláudio nos deixa o melhor legado de apostar no mais recente, no invisível da humanidade. Ele foi um verdadeiro mestre porque nos ensinou o caminho para Jesus e aponta o caminho sinodal que a Igreja percorre hoje, com nosso amado Papa Francisco, em seu processo de renovação.

Obrigado Dom Cláudio, seu testemunho nos aproxima de Jesus, da Igreja com o Papa Francisco e de nossos irmãos que vivem, trabalham e anunciam o Evangelho na Querida Amazônia! Dom Cláudio descanse na paz eterna do Senhor! ●





Ir. João Gutemberg Sampaio
SECRETÁRIO EXECUTIVO DA REPAM

O arquiteto da REPAM

Se o arquiteto de uma obra tem muito a ver com o ato criador. Tal ação requer uma grande habilidade inovadora, propositiva, criativa. Essa criação ou “arquitetura” parte das convicções mais profundas do sujeito que a empreende. Evoca também a capacidade do ser humano feito à imagem do Criador primeiro, o Deus da vida.

Criar algo inovador requer muita capacidade de reflexão, contemplação, motivação, visão e preocupação. A querida Amazônia encanta a humanidade pela sua potência variada de belezas naturais e comunidades humanas que ali vivem há mais de 10.000 anos integradas com a mãe natureza, ao mesmo tempo que outras culturas ali se inseriram nos séculos mais recentes. Mas essa esplêndida beleza humana e paisagística sofre um grau preocupante de ameaças destrutivas.

Esse misto de admiração e de preocupação comoveu o coração do eminente Cardeal Dom Cláudio Hummes ao retornar ao Brasil, quando aposentado de importante missão na hierarquia eclesial, em Roma. Ele mesmo confessou sua alegria em poder realizar, na idade madura, seu sonho juvenil de ser missionário na Amazônia. Ele aceitou de bom grado, em 2010, coordenar a importante Comissão Episcopal da Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB.

A urgência do tema “Amazônia” avançava na consciência da Igreja latino-americana e caribenha. E esse impulso se tornou maior em 2013 quando o amigo de Dom Cláudio, Cardeal Mario Bergoglio, assumia ser Francisco na Cátedra de Pedro. Era como que tivesse chegado a “plenitude dos tempos” (Cf. Gl 4,4). Vários encontros do Episcopado e da Vida Religiosa Consagrada já tinham sido realizados entre os vários países amazônicos. A Equipe itinerante intercongregacional e interinstitucional realizava encontros inter-

fronteiriços. Já havia comissões específicas, tanto na CLAR quanto no CELAM, referentes a Amazônia e a Justiça e Paz e Integridade da Criação, a JPIC.

Era chegada a hora de concretizar a intuição pastoral de se dar início a uma articulação da Igreja em nível pan-amazônico. Algumas lideranças se reuniram para alinhar os primeiros passos da novel “arquitetura”. E nesse esboço promissor se destacava a necessidade de um porta-voz eloquente e comprometido com a causa que visibilizasse a intuição no contexto local e internacional da Igreja. Unânime foi a sugestão para Dom Cláudio Hummes exercer tão significativa missão. Mas não se tratava apenas da necessidade de alguém para visibilizar o pré-projeto. Urgia que essa pessoa ajudasse a discernir os passos a serem dados nessa caminhada, que indicasse horizontes, que conectasse muitos atores, pois se tratava da construção coletiva da Rede Eclesial Pan-Amazônica.

A releitura dos caminhos percorridos pela REPAM (criada em 2014) nos seus 8 anos de existência revela quão importante foi a visão e o compromisso de dom Cláudio Hummes em todo o processo de arquitetura para a criação e a consolidação da Rede. No seu processo de nascimento e de crescimento, ele se dedicou de “mão cheia”, a “plenos pulmões”, com “brilho no olhar” e o “coração vibrante”. O Senhor da vida ia cumulando essa obra com “uma boa medida, bem calçada, sacudida, transbordante” (Cf. Lc 6,38).

Nesse dinamismo empreendedor, sob a maestria de Dom Cláudio, a REPAM procurou envolver todos os agentes possíveis e necessários nessa construção: pessoas do território amazônico, com destaque a lideranças indígenas, o episcopado e o clero, a Vida Consagrada, agentes pastorais leigos e leigas,



Francisco, com o cardeal Hummes, durante uma das sessões do Sínodo da Amazônia

a Cúria Romana, as Redes Internacionais Católica, formadores de opinião e os meios de comunicação social.

A Rede foi dando seus passos de crescimento nos países amazônicos e nos seus eixos ou núcleos temáticos que incrementam a visão pan-amazônica. E vale ressaltar que Dom Cláudio nunca esteve sozinho. Nosso arquiteto contava com a adesão de muita gente de boa vontade para bem construir essa estrada. E para não esquecer de nomear tanta gente comprometida nessa construção vamos representá-los em 5 pessoas de diferentes vocações que estiveram sobremaneira ao lado de Cláudio na edificação da REPAM: Um Papa, Francisco; um bispo, depois Cardeal, Pedro Barreto; uma religiosa, Irmã Irene Lopes; um leigo, Mauricio Lopez; e uma mulher indígena, Patricia Gualinga. E assim continuaríamos a preencher várias páginas com nomes de pessoas e instituições que se animam, se congregam e se comprometem com as grandes causas da ecologia integral propugnadas pela REPAM, fonte de vida no coração da Igreja.

O cuidado e a defesa da criação de Deus assumidas pela REPAM, com a visibilidade integradora da fé e da justiça a partir do território, tem iluminado outras iniciativas sócio eclesiais. Afinal, toda obra de bem não se basta a si mesma, mas participa de um grande ecossistema vital para nossa comum humanidade. Assim sendo, muitas das experiências oriundas dessa bonita rede eclesial tem ajudado na busca de “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” propos-

tos pelo Sínodo para a Amazônia (2019) e a consequente criação da Conferência Eclesial da Amazônia, a CEAMA (2020). Dando visibilidade à intuição de que tudo está interligado, assim como proclama insistentemente a Encíclica *Laudato Si'*. E Dom Cláudio esteve sempre lá animando e presidindo tanto o processo sinodal quanto a estruturação da CEAMA.

Nesse profundo caminho de abertura eclesial e sinodal, Dom Cláudio também soube realizar seus ritos de passagem. Para cada inovação eclesial amazônica por ele presidida, outras lideranças foram assumindo sucessivamente o serviço de animação. Essa foi outra marca eloquente do nosso saudoso amigo Cláudio: o cuidado para que a missão da Igreja não se concentre nas mesmas lideranças, mas que haja um profundo processo sinodal, de construção coletiva, de corresponsabilidade, de gesto cocriador, muito bem manifesto no caminho sucessório das lideranças.

A arquitetura da REPAM e das várias organizações eclesiais com rosto amazônico foi desenhada e aplicada pela profunda visão e dedicação de Dom Cláudio Hummes e das muitas pessoas e instituições que a ele se somaram. O seu labor histórico, e agora a sua intercessão, muito ajudarão para que a Rede Eclesial continue a se fortalecer tal qual “casa construída sobre a rocha” (Mt 7, 24-25) e baseada no espírito daquele que “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5). Tudo em favor da vida humana e dos ecossistemas naturais do nosso lindo Planeta. ●

Os povos originários, sua última causa

CARDEAL CLÁUDIO HUMMES TORNOU-SE NOS ÚLTIMOS ANOS O GRANDE ORADOR DA AMAZÔNIA

PBRO. LUIS MIGUEL MODINO

A Amazônia e seus povos, principalmente os indígenas, podemos dizer que foi a causa do cardeal Cláudio Hummes, que faleceu em 4 de julho de 2022, nos últimos 10 anos de sua vida. Quem havia sido prefeito da Congregação para o Clero, voltou ao Brasil e embarcou em uma nova missão, completamente diferente, mas dez anos depois podemos dizer que marcou a vida da Igreja recente, não só na Amazônia, mas na América Latina e em todo o mundo.

Na Amazônia, o cardeal brasileiro prestou diversos serviços, que começaram com a presidência da Comissão Episcopal para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos

do Brasil (CNBB), e que depois aumentaram com a presidência da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), a relatoria do Sínodo para a Amazônia e a presidência da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama).

Serviços em que aquele que, como jovem franciscano, queria ser missionário na Amazônia, aos poucos se tornou um alto-falante, uma caixa de ressonância, o que ajudou a aumentar as vozes nascidas dos povos e do bioma amazônico, mostrando que, na Amazônia, o grito da terra e dos pobres é o mesmo.

Um missionário itinerante, que apesar de sua idade avançada, veio às comunidades para ouvir, conhecer a realidade e assim, como

Cardeal Hummes durante uma das missas da V Conferência do Episcopado em Aparecida



um de seus colaboradores mais próximos, informar seu amigo Papa Francisco sobre o que estava acontecendo em uma região que ocupa um lugar de destaque no coração do bispo de Roma.

Foi a partir dessa escuta, desse conhecimento da realidade, em que podemos dizer que o cardeal brasileiro teve um papel fundamental, que a Igreja discerniu novos caminhos, não só para a Igreja da Amazônia, mas também para a Igreja universal. Um novo modo de ser Igreja, a partir da interculturalidade, que a leva a se colocar em pé de igualdade com aqueles com quem quer caminhar junto, na sinodalidade, os povos originários, com os quais mostrou o compromisso de compartilhar sonhos, sofrimentos e desafios.

O cardeal Hummes tornou-se companheiro de viagem dos povos indígenas, de suas organizações, especialmente da Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA). Algo que os povos originários sempre apreciaram, pois esse trabalho em rede foi um novo impulso para as lutas e reivindicações, muitas vezes jogadas em ouvidos surdos por uma sociedade que olha para o outro lado diante do sofrimento desses povos.

Na Amazônia, na maneira de tratar seus povos, o cardeal Hummes sempre disse que estava em jogo o futuro do planeta e da humanidade. Uma consciência amazônica que pouco a pouco foi tomando conta da Igreja da América Latina e do Caribe, e daí à Igreja universal, especialmente desde Aparecida, a V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe e a chegada do Papa Francisco à Sé de Pedro.

Aos poucos foi se estabelecendo uma nova consciência social e eclesial, que ajudou a denunciar o sofrimento da Amazônia e de seus povos nos órgãos internacionais. Uma atitude profética, nascida na Igreja da Amazônia, tendo como principal impulso o trabalho da Rede Eclesial Pan-Amazônica, presidida pelo cardeal Hummes, que nunca hesitou em brandir uma bandeira que, sem dúvida, ajudou a conscientizar dos dramas que são vividos na Amazônia, principalmente pelos povos indígenas.

O Sínodo para a Amazônia, do qual o cardeal Cláudio Hummes foi relator geral, e que contou com a decisiva participação dos povos indígenas, pode ser considerado um elemento decisivo na vida da Igreja da Amazônia e, por que não dizer, da Igreja universal.

Nesse processo sinodal, a contribuição do cardeal recém-falecido pode ser considerada, sem medo de errar, como algo decisivo, pois sempre defendeu o trabalho em rede realizado pela Igreja amazônica.

Suas palavras na abertura do Sínodo para a Amazônia ajudaram a compreender a necessidade da Igreja: “Caminhar ao lado de cada um, especialmente daqueles que vivem nas periferias da humanidade”, entre os quais estão os povos amazônicos. O cardeal apelou a “continuar a caminhar de forma inclusiva, convidando, acolhendo e encorajando a todos sem exceção para o futuro, como amigos e irmãos no respeito mútuo pelas diferenças”.

O cardeal Hummes sempre destacou o grande trabalho dos missionários na vida da Igreja na Amazônia, especialmente aqueles que deram suas vidas pelos povos da região, e que hoje estão sepultados na Amazônia. Em suas visitas às igrejas na Amazônia, ele sempre fez questão de visitar os cemitérios onde estão enterrados esses missionários, pessoas que deram a vida pela educação, saúde, combate à pobreza e violação dos direitos humanos, principalmente dos mais pobres.

O impulso de uma Igreja presente na vida dos povos, uma Igreja aberta, dialogante, acolhedora, pronta a caminhar ao lado de pessoas e comunidades, foi uma constante na vida do cardeal Hummes. Uma Igreja intercultural, algo que deve se tornar realidade na “liturgia, no diálogo inter-religioso e ecumênico, na piedade popular, na catequese, na convivência através do diálogo diário com as populações indígenas, nas obras sociais e caritativas, na vida consagrada e na pastoral urbana”, como destacou o cardeal na sala sinodal.

Uma missão com múltiplas faces, que denuncia as ameaças que a Amazônia e seus povos sofrem, especialmente os povos indígenas e comunidades tradicionais. Uma Igreja comprometida com a ecologia integral, uma forma de entender a vida que marcou a história daqueles que são considerados os antigos guardiões da Amazônia, os povos indígenas, zeladores de uma biodiversidade única.

Um legado que ficará na história, não só da Igreja, mas de quem hoje a considera uma grande aliada, e o cardeal Cláudio Hummes teve muito a ver com isso. Que o seu exemplo e empenho encorajem a missão da Igreja entre os povos originários. ●



PATRICIA GUALINGA
LÍDER INDÍGENA DOS SARAYAKU
(EQUADOR)

“Hummes era um aliado e um irmão”

PAOLA CALDERÓN GÓMEZ

“Concordo com você, sobre a defesa da Amazônia, sobre o apoio institucional que a Igreja Católica tem para dar. Sobre caminhar juntos. Concordo com você em tudo e podemos trabalhar juntos para tornar isso realidade.” É assim que Patricia Gualinga, a líder indígena de Sarayaku (Equador), lembra a primeira vez que o cardeal Cláudio Hummes falou com ela depois de intervir em um encontro que a Rede Eclesial Panamazônica (Repam) havia organizado em Bogotá, em 2015. “Fiquei impressionada, porque disse tudo com muita força, mas também com muita bondade e alegria”, relata em conversa com a Missão Celam.

A representante do povo Kichwa do Equador lembra que naquela reunião ela não sabia quem era quem, mas quando aquele homem alto e amigável com uma grande cruz se aproximou, ela sabia que ele era uma autoridade da Igreja. “Ele se apresentou,

mas nunca disse que era cardeal”, lembra. Seria o primeiro de muitos encontros que, de diversas partes do mundo, levantaram a importância de reivindicar a Amazônia e, nela, seus povos. Duas experiências de vida diferentes que encontraram uma causa comum na defesa dos direitos humanos e territoriais dos povos amazônicos. Hummes, o religioso que entregou sua vida a Deus no encontro com os descartados, e Patricia Gualinga, a indígena que lutou contra a violenta irrupção das petroleiras em sua cidade, são referentes dessa atitude de resistência espiritual e ideológica que motiva novas ideias e organizações ao serviço do povo.

Quais foram as principais contribuições do cardeal para a reflexão e ações em favor da Amazônia?

Quando o conheci já era alguém muito convencido e comprometido em defender a Amazônia. Foi presidente da Repam. Portanto, um fervoroso

defensor da Amazônia e dos povos indígenas. Ele encorajou fortemente a Igreja como instituição a se posicionar a favor dos povos indígenas e caminhar ao lado deles. Apoiou fortemente este acompanhamento em várias esferas, não só religiosas, mas também na defesa do território e dos direitos. A Repam caminhou com ele e também promoveu fortemente, junto com o Papa Francisco, o tema do Sínodo e, posteriormente, da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama). O cardeal não era uma pessoa a quem era preciso explicar, ele sabia, ele sabia quais eram as doenças da Amazônia. Ele sabia do sofrimento dos povos indígenas e promoveu todo aquele forte acompanhamento da Igreja Católica em favor desses povos indígenas e seus territórios.

Qual foi o testemunho que o cardeal compartilhou em ambientes acadêmicos e eclesiais sobre a Amazônia?

Em 2016, conversamos juntos na Universidade Pontificia Comillas (Madri). Testemunhos de vida da Amazônia foi o tema. Falei do testemunho dos Sarayaku e dos povos indígenas. O cardeal falou de sua experiência e do compromisso que devemos ter para defender a Amazônia. Fê-lo com veemência, defendendo os espaços tão distantes da Amazônia brasileira; ele fez isso com muita força, porque para ele defender a Amazônia era defender a vida. Sem isso, sem defender a Amazônia, a missão da Igreja estaria incompleta.

Você foi a auditora do Sínodo para a Amazônia e ele foi o relator. Como foi a experiência?

O cardeal foi responsável por dar algumas orientações. Por exemplo, lendo o documento do Sínodo, o trabalho que fizemos naquele dia. Também aquele que deu encorajamento em certos momentos. Foi ele que esteve sempre ao lado do Papa Francisco – que me lembro sempre esteve presente – para dar aquela cara da Igreja amazônica, nos novos caminhos da ecologia integral. O cardeal encorajou a não ter medo desses novos começos, desses novos caminhos. Lembro-me muito bem quando ele leu o rascunho do Documento Final. Ele teve um papel muito importante e eu fui uma observadora lá, mas também tivemos a oportunidade de incorporar algumas ideias nas mesas de trabalho. Como observadora, também tivemos alguns minutos nos primeiros dias para falar na assembleia. E o cardeal estava sempre lá. Muitas vezes o vi saindo da casa de Francisco, acompanhando-o até a sala Paulo VI.

Que imagem os povos indígenas e movimentos sociais da Amazônia têm sobre Hummes?

A imagem que temos do cardeal Hummes é de alguém muito simples, muito amigo, muito próximo do povo e disposto a lutar pela justiça. Essa imagem também atravessa grandes organizações

“O CARDEAL ERA UMA PESSOA MUITO ILUMINADA, CHEIA DE CONHECIMENTO. ESSA LUZ IRRADIAVA PARA AQUELES QUE ESTAVAM PERTO DELE. APRENDI MUITO COM A HUMILDADE DO CARDEAL”

como a Coordenação de Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), que teve a oportunidade de conhecê-lo, ouvi-lo e o sentiu como um aliado estratégico para a defesa da Amazônia; isto é muito importante. O cardeal permanece em nossos corações e é uma pessoa muito querida que também viverá como parte desse processo de defesa da Amazônia. Ele era um aliado, um irmão e um amigo!

Quais são os desafios enfrentados por organizações como a Repam e a Ceama para manter vivos os ideais de Hummes?

Continuar com o que já começamos, fortalecer e aplicá-lo no território. Esse será o grande desafio, para que toda a visão refletida no documento sinodal, nos ideais que compartilhamos com Hummes, possa se tornar realidade. Esse é o grande desafio e trabalhar muito para que isso seja possível e realmente defenda a Amazônia, o que também implica riscos; saber que estar perto do povo era o maior sonho do cardeal; estar com os mais necessitados, com os fracos, com os mais marginalizados, como os povos indígenas.

Como mulher e líder, que aprendizados você tem após conhecer e compartilhar com Dom Cláudio?

O cardeal era uma pessoa muito iluminada, cheia de conhecimento. Essa luz irradiava para aqueles que estavam perto dele. Aprendi muito com a humildade do cardeal. Aquele sentimento que pode se refletir na parte espiritual e que nos ensinou que juntos fazemos força, que é preciso caminhar juntos para gerar novos aprendizados, sendo aliados, de mãos dadas. Como mulher, acredito que neste mundo existem pessoas que não são distanciadas ou preconceituosas, o cardeal foi um desses. O cardeal foi uma pessoa que realmente acolheu a todos com muito amor. Não importava se fossem homens ou mulheres, ele acolhia a todos com amor e sabedoria. É muito bom estar cercada de pessoas com muita sabedoria como o cardeal. Como líder, a humildade que teve apesar de ser um homem muito importante é uma das lições que me marcou. Essa humildade de aceitar os erros que a Igreja cometeu institucionalmente e discernir para melhorá-la. Estamos todos em um caminho de aprendizado, mudança e aprimoramento, mas encontrar pessoas como o cardeal em nosso caminho faz com que essas tarefas tenham uma nuance aprimorada.●



Laura Vicuña Pereira Manso, ICF
 AGENTE PASTORAL DO CONSELHO INDÍGENA MISSIONÁRIO

O homem que se fez indígena com os indígenas

A memória de D. Cláudio Hummes, é viva e presente em nossas mentes e corações. Teve uma trajetória de compromisso incondicional com a causa dos pobres e dentre estes, como afirmou o documento de Puebla ‘os povos indígenas’. Sua voz amplificou a luta dos povos indígenas por vida, por terra e por direitos. Defensor incansável da Amazônia, que adotou como sua própria terra, pois assumiu a luta incessante dos povos indígenas e amazônicos por território livre de invasão e pelo projeto de vida e futuro dos povos. Uma voz profética que se levantou denunciando as barbárie cometidas contra os povos indígenas, em tempos tão difíceis de negação de direitos, pela ganância e a prepotência de grupos econômicos que se apropriam das riquezas da terra, das águas, do ar e das florestas, deixando um rastro de destruição por onde passam. Como profeta apaixonado pela justiça, anunciou a esperança ao visibilizar a realidade da Amazônia e a construção de uma igreja pobre, encarnada e sinodal.

Interpelou a igreja a confirmar o seu compromisso em defesa da Amazônia, dos povos indígenas e amazônicos e nos convocou a trilhar caminhos de solidariedade e navegar para água mais profunda, adentrando nos rios e igarapés, nos varadouros e rodovias, no mundo urbano e nas aldeias, no campo e na cidade, anunciando o evangelho da vida e da esperança, nestes tempos de desesperanças, de falso profetismo e de tanta intolerância. O legado que deixou para a igreja na Amazônia, foi acreditar no protagonismo dos povos indígenas e amazônicos. Acreditar que podemos ser uma Igreja em Saída, Serva e Samaritana, que não cansa de ir em busca dos últimos e preferidos de Deus. Este foi o legado de D. Claudio Hummes para a Igreja, quando sopra ao ouvido do Papa Francisco, ‘não esqueça dos pobres’. O seu compromisso com os povos da Amazônia e os povos indígenas, incomodou aos poderosos, que o via como uma ameaça a paz social, nos tempos de perseguição aos movimentos sociais, aos defensores de direitos, no período da ditadura militar no Brasil. Na Amazônia foi um incansável discípulo do Mestre Jesus Cristo,

no caminho do aprender, desaprender e reaprender, na dinâmica do discipulado, que a ‘cada manhã se coloca a caminho’. A Igreja na Amazônia, reconhece a grande contribuição de D. Claudio Hummes, para a realização do Sínodo da Amazônia, ‘Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral’, onde a igreja reafirma seu compromisso de ser aliada dos povos indígenas e amazônicos, numa Igreja sinodal e que se arma a sua tenda entre os pobres.

Não poderia deixar de reafirmar que D. Claudio foi um visionário comprometido com a esperança, trilhou caminhos de unidade na diversidade, de Sinodalidade e soube reconhecer a força inovadora do Espírito, que ‘faz novas, todas as coisas’ e foi uma apaixonado pela Igreja que se encarna no chão da Amazônia e fez desta paixão, um referencial na opção preferencial pelos pobres, dentre eles ‘os povos originários e amazônicos’. ●



“Dom Cláudio viu nas dificuldades oportunidades para novos caminhos”

CARDEAL SCHERER LEMBROU SEU EMÉRITO NA ASSEMBLEIA DE CELAM

PAOLA CALDERÓN GÓMEZ

“Um homem que abriu caminhos, um homem de iniciativas eclesiais, que nunca se contentou com o que tinha. Ele sempre insistiu que é preciso avançar porque há muito a ser feito.” Estas são as palavras do cardeal Odilo Pedro Scherer ao recordar, numa das eucaristias da Assembleia Extraordinária do Celam (Bogotá, 11 a 14 de julho), o cardeal Cláudio Hummes, falecido aos 87 anos no dia 4 de julho. “Uma personalidade da nossa Igreja”, assim o recordou o cardeal Scherer ao mencionar que foi um franciscano que se entregou como bispo de Santo André e arcebispo de Fortaleza e São Paulo, entre muitas outras responsabilidades. Seu lema episcopal, *Omnes vos fratres* (Todos vocês são irmãos), tornou-se a causa da sua missão.

“Dom Cláudio nunca desanimou diante das dificuldades, por maiores que fossem, sempre confiou na graça de Deus, tinha muita confiança na ação do Espírito Santo”, acrescentou o cardeal. Para Scherer, ver as crises e as dificuldades como uma oportunidade para crescer ou trilhar um novo caminho é um dos aspectos mais preponderantes da personalidade do Cardeal Hummes. Assim, o momento histórico que vivemos com suas crises religiosas e sociais, para ele eram apenas uma oportunidade de gerar um novo crescimento, uma transformação dentro da Igreja. “Ele amava os pobres, os pequeninos, lutou contra as várias expressões de violência. Ele semeou esperança”, disse. O arcebispo de São Paulo, testemunha

dos últimos dias do cardeal Hummes, destacou seu grande distanciamento de si mesmo e das coisas. Mesmo quando percebeu que suas forças não eram mais suficientes para assumir e desempenhar bem as tarefas que tinha, por exemplo, a presidência da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), apresentou sua renúncia para que a organização não sofresse com sua impossibilidade física de acompanhá-lo. “Foi assim que ele se preparou nos últimos meses, nas últimas semanas para ir ao encontro do Senhor, muito serena, conscientemente”, comentou o cardeal Odilo Scherer. Além disso, ele não queria tratamento extraordinário no hospital. Aceitou tratamentos médicos em casa. Ele sofreu e ofereceu suas

dores pela paz do mundo e, principalmente, pelos pobres da Amazônia. “No domingo, 3 de julho, celebrei com ele a Eucaristia. Ele estava muito magro, me acompanhou na celebração e recebeu a Sagrada Comunhão e a unção dos enfermos por sua própria iniciativa”, acrescentou.

O cardeal Scherer encerrou a sua homilia recordando as várias expressões de apreço que Dom Cláudio recebeu durante o seu funeral: “Vieram do episcopado, do clero, religiosos, pessoas comuns, representantes de organizações e autoridades a todos os níveis.” Seu testemunho sincero do Evangelho deixou uma semente de esperança que germinará e florescerá. “Que Dom Cláudio se alegre no Senhor e por aqueles frutos que, pela graça de Deus, essas sementes podem produzir. Que Dom Cláudio descanse em paz”, concluiu. ●





**“VOCÊ É INSPIRAÇÃO. NÓS O AMAMOS
MUITO E O OUVIMOS MUITO. VOCÊ SEMPRE
SERÁ UM PROFETA, NÃO SE ESQUEÇA”**

**(ÚLTIMA MENSAGEM DE ÁUDIO DO PAPA FRANCISCO
AO CARDEAL CLÁUDIO HUMMES)**